MARIA NOEMI CASTILHOS BRITO (1947-1996)

DAISY MACEDO DE BARCELLOS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Maria Noemi Brito faleceu em 21 de junho de 1996, quando não havia completado ainda seus 49 anos. Cedo demais para ela, para nós, colegas seus, e para sua filha Manoela.

Eu a conheci por volta de 1975, quando fui aluna do Curso de Especialização em Sociedades Complexas, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, germe do que viria a ser o atual Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Licenciada e Bacharel em História, Maria Noemi voltava seus interesses para a Antropologia, área para a qual passou a dedicar-se como docente e pesquisadora.

Naquele momento a área de Antropologia da UFRGS era pequena em termos numéricos e se esforçava para se afirmar institucionalmente na proporção de sua qualidade e empenho frente às áreas hegemônicas do Instituto e Departamento a que se vinculava administrativamente.

A incorporação de Noemi à Antropologia alargou o campo de estudos e atuação do setor, levando-a na década de 80 a Campinas para realizar estudos a nível de mestrado tendo já como tema o feminino e a política, realidade que a interessou desde logo, pois data de 1982 sua primeira publicação sobre o assunto, e que perseguiu até o momento de seu falecimento.

O período de realização do mestrado — Antropologia Social no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas — foi rico em produção científica expressa em participação em Congressos bem como em publicações.

Anuário Antropológico/96
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997

Seu retorno a Porto Alegre deu continuação a esse processo de crescimento intelectual e motivou sua candidatura ao doutorado, desta vez na USP. O ingresso no doutorado foi conseqüência do seu empenho e do domínio que possuia do seu objeto. Fez duas tentativas de concluir esse nível de formação, uma em Ciências Políticas (inacabado), no bojo do qual realizou estudos na França — Paris V —, e outra em Antropologia, este último a partir de 1994, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia Montes, trajetória inacabada por força das circunstâncias incontroláveis que terminaram por retirá-la de nosso convívio.

Lembro de quando iniciei meu trabalho na Antropologia e no curso de graduação em Ciências Sociais. Noemi me recebeu e me transmitiu seus encargos. Ela preparava seu afastamento para Campinas. Junto com isso me transmitiu o gosto e o talento que tinha para o ensino, um diagnóstico muito correto dos alunos, dos colegas e também o muito do que ela já havia incorporado como "o modo de ser professor de Antropologia" naquele contexto institucional. Retornou em 1985 e passamos a atuar na graduação, juntamente com Claudia Fonseca, numa parceria extremamente rica, baseada em trocas e diálogos cuja conseqüência foi, de um lado, laços de amizade e, de outro, a construção de um estilo, de um modo antropológico de ensinar Antropologia e de conhecer e reconhecer o espaço social e cultural no qual aplicávamos nossa energia de trabalho. Essa "frente feminina" teve um grande peso na construção da identidade dos antropólogos da UFRGS, hoje aglutinados num Departamento autônomo do qual Noemi foi a primeira chefe. Coube a mim substituí-la nesse encargo quando ela adoeceu.

Lembro também que mesmo doente ela não deixou de se envolver e estar a par do que se passava. A doença não impediu que ela aguardasse completar seu tempo de serviço para requerer aposentadoria e também tentasse até o último momento levar avante o curso de doutorado e a tese. Também nunca deixou de acompanhar o desenvolvimento do seu campo de estudos e se manter em dia com as questões políticas emergentes. Pouco antes de falecer escrevia sobre Eva Perón em resposta a artigos assinados em jornais sobre o seu papel político no peronismo.

Sua trajetória acadêmica e intelectual foi pautada pelo equilíbrio entre o crescimento individual e o coletivo e possivelmente abdicou de seus próprios interesses em nome do coletivo, do "pessoal da Antropologia", grupo que se

constituiu caracterizado por um projeto comum e pela solidariedade entre seus membros. Por isso mesmo, nunca deixou de pesquisar nem de produzir e publicar.

Por certo Noemi foi dos mais solidários membros do grupo. Ela foi também fundamental para o crescimento e afirmação da Antropologia por sua atuação como professora na graduação, âmbito no qual trabalhou de modo cuidadoso, metódico, não deixando nunca de inovar em termos didáticos e pedagógicos. Seu desempenho docente nesse nível capturou para a Antropologia gerações de excelentes alunos que posteriormente, quando da criação da pós-graduação, constituíram parte importante da demanda qualificada para essa formação.

Sua experiência como administradora fez dela um elemento central para o andamento da área. Ela sempre sabia dos prazos e oportunidades, dos meios e instrumentos de melhoria das condições de pesquisa e ensino e sempre democratizava esse conhecimento.

Seu engajamento político e sua militância em movimentos sociais sindicais marcou sua trajetória como intelectual e cidadã, tanto no âmbito da UFRGS, onde fundou o Núcleo Mulher, quanto no trabalhismo, assessorando as lutas das mulheres trabalhadoras, fiel a si e a suas idéias.

BIBLIOGRAFIA DE MARIA NOEMI CASTILHOS BRITO

1978. Considerações sobre o processo de industrialização no Rio Grande do Sul: um estudo de caso. *Informativo do SEITE* 5: 19-32. Porto Alegre.

1982. Projetos de melhoria do ensino desenvolvidos pela área de Antropologia no Curso de Ciências Sociais da UFRGS. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, ano X: 235-240. Porto Alegre: UFRGS.

1982. Greve: mulher-macho, sim senhor. *Mulherio* 8 (ano 2): 21. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

1983/4 . Participação social feminina: um estudo de caso. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, ano XI/XII: 373-391. Porto Alegre.

1986. Participação sindical feminina no processo de redemocratização do Brasil. *Revista de Ciências Sociais* 1 (1): 39-52. Porto Alegre.

1987. Apresentação [como organizadora do número]. *Revista de Ciências Sociais* 1 (2): 141-142. Porto Alegre.

1987. Mulheres como sujeitos sociais: a diferenciação feminina. *Revista de Ciências Sociais* 1 (2): 171-178. Porto Alegre.

1988. Mujeres en la política: como y porque. *Nueva Sociedad* 93: 104-113. Caracas. (Prêmio II Certamen Latinoamericano de Ensayo Político).

1988. (Em co-autoria com Jussara PRÁ). Movimentos de mulheres no sul do Brasil: 1975 a 1987. *Cadernos de Estudos* 14. Proto Alegre: UFRGS — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

1988. "Movimentos de mulheres no sul: 1975-1987". In *Mulheres: da domesticidade à cidadania. Estudos sobre movimentos sociais e democratização* (Eleonora Menicucci de Oliveira, org). Brasília: Conselho Nacional de Direitos da Mulher pp. 51-57.

1992. "Mulher e política: público X privado?" In *Brasil e França: Ensaios de Antropologia Social* (S. Teixeira & A. Oro, orgs.). Porto Alegre: UFRGS — Editora da Universidade. pp. 129-140.

1993. "Memória e Gênero". In *Fronteiras da Cultura* (C. Fonseca, org.). Porto Alegre: UFRGS — Editora da Universidade. pp. 188-194.

1994. "A memória política: versões de gênero". *Cadernos Pagu* 3: 197-228. Campinas: UNICAMP.

1995. (Co-organizadora com Claudia FONSECA). *Gênero: identidades múltiplas*. Porto Alegre: UFRGS — PPGAS (Horizontes Antropológicos, 1).

(No prelo). "Uma história de mulheres?" In *Gênero e Processo Civilizatório* (M. Rosa, org.). UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre.